



ILUS TRACÃO PORTUGUESA

ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA

Edição semanal do jornal «O SEculo»

Director—J. J. DA SILVA GRAÇA
Propriedade da SOCIEDADE NACIONAL DE TIPOGRAFIA
Editor—ANTONIO MARIA LOPES

ASSINATURAS: Portugal, Ilhas adjacentes e Hespanha:
Trimestre 6\$50—Semestre 13\$00—Ano 26\$00
COLONIAS PORTUGUEZAS: Semestre 14\$00—Ano 28\$00
ESTRANGEIRO: Semestre 17\$00—Ano 34\$00

NUMERO AVULSO, 50 CENTAVOS

Redacção, administração e oficinas:—Rua do Seculo, 40, LISBOA

A BELEZA É ETERNA

para quem usa os produtos da ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA e faz as massagens ou compra os aparelhos electricos indicados. É a unica casa em Portugal onde se fazem tratamentos serios. Todas as senhoras que se presam devem experimentar uma só massagem para confronto, e os seus productos para os fins desejados a seguir

Depilatorio electrico radical e inofensivo: o unico que tira progressivamente os pelos para sempre, O MELHOR DO MUNDO.—*Descamação artificial:* o processo mais moderno de rejuvenescimento, com a mascara de beleza; tira manchas, sardas, rugas, vermelhidão e todas as imperfeições da pele.—*Productos de Lirio florentino:* tiram os pontos pretos do nariz e rosto.—*Productos elosmeny:* contra a verme hido do nariz e rosto; resultados seguros.—*Productos d'Acacia:* para curar a gordura e luzidio da pele, dando-lhe um aveludado incomparavel.—*Productos Cirelle:* para emagrecer os poros, tornando a pele unida e fina.—*Productos Yildizienne:* para fazer crescer e alongar as pestanas e sobrancelhas, curando todas as inflamações.—*Productos Mesjem:* para a toilette das unhas, com uma lição e para os cuidados das mãos.—*Productos Mizabilia:* para fazer desaparecer as rugas e rejuvenescer.—*Productos Staffe:* para emagrecer o rosto ou o corpo.—*Productos Orion:* para engordar o rosto ou o corpo.—*Productos electricos:* para diminuir ou desenvolver e enrijecer os seios; resultados em 3 tratamentos.—*Productos Yildizienne:* para a beleza e conservação dos dentes saos e contra os dentes descarnados.—*Productos Rainha da Hungria:* fazem a beleza e higiene da cutis, evitam rugas a todas as doenças de pele.—*Productos contra acnes:* ainda que as mais antigas.—*Productos sudorificos:* contra a transpiração do rosto, corpo e pés.—*Productos Mesjem:* contra os joanetes, olho de perdiz e calos.—*Productos Imperatriz:* branqueia a pele naturalmente, ainda que muito morena.—*Productos esmalte:* branqueia a pele artificialmente sem se conhecer.—*Cremes de massagem, medica e estetica:* para emagrecer ou para engordar o corpo ou rosto.—*Productos de grande beleza:* para as faces, labios, olhos, boca, cabelos, mãos unhas, seios, toilette intima e grande toilette, etc., etc. *Saes para banho e sabonetes,* pós de talco, vinas-gres de toilette, etc., etc.—*Productos Kaskarina:* para tirar

verrugas.—*Balsamo Yildizienne:* para tirar os sinais das be-xigas e todas as cicatrizes aderentes ou chloides.—*Scham-pós para lavar a cabeça:* especies para as diferentes cores do cabelo, evitando e tirando a caspa, fazendo-os crescer.—*Productos Yildizienne:* para pintar os cabelos em todas as cores e recolorá-los naturalmente sem pintar, curando a canice, calvice e todas as doenças do couro cabeludo em todas as edades e em todos os casos.—*Brihantissimas especies para usar com estes productos:* para fazer e favorecer a ondulação Marcelle, para desfrisar os que são excessivamente naturalmente frisados.—*Regenerator Masjem:* para corar os brancos em 8 dias.—*Pós d'arroz scientificamente preparados para cada natureza de pele:* cooperosica, fiacada, seca, gorda, vermelha, rugosa, eczematosa, com sardas, pontos negros, herpética, com verrugas, com manchas, etc., etc.—*Alcooalatos:* para queimar, perfumando e desinfectando os açosentos.—*Aparelhos electricos; vibratorios e de alta frequencia:* fabricados especialmente para o metodo de massagem estetica e medica empregado por Madame Campos, com catalogos illustrados ensinando todos os tratamentos.—*Aparelhos especies:* para corrigir os defectos esteticos do nariz, das faces, da segunda barba, etc., etc.—*Aparelhos:* para afinar os dedos e tirar os joanetes.—*Aparelhos:* para o desenvolvimento e enrijamento dos seios.—*Aparelhos:* para os douches dos olhos contra as ruas, fraqueza da vista, olbeiras, pavos nas palpebras e para dar brilho aos olhos.—*Fentes e escovas electricas:* para curar a calvice e fazer crescer o cabelo.—*Esponjas electricas:* para massagens.—*Estojos:* para unhas e todos os utensilios para manicuro.—*Pulverisadores a vapor:* contra as rugas, para fechar os poros e contra doenças de pele. *Lampadas de luz para o tratamento da pele.*—*Aparelhos Orion:* para a massagem manual. *Escovas para a massagem pessoal do corpo,* com electricidade e sem electricidade.

Academia Scientifica de Beleza
Avenida da Liberdade, 25—LISBOA

DESCONTOS AOS REVENDEDORES. Vendas por grosso e a retalho. Telefone 3-641-N. Teleg. Belazak. Resposta mediante estampilha. Catalogos illustrados com todos os tratamentos e productos a \$100

MELINA

MATA-FORMIGAS

Vende-se em toda a parte.
Deposito geral:

Fernandes, Almeida & C. Limitada

RUA DO LARGO DO CORPO
SANTO, 10, 1.º

“NOTA ELEGANTE”

O passo ruge-ruge de uma mulher atrae-nos, o seu olhar acothe-nos!... Mas os seus pésinhos bem caçados, seduz-nos!!!... Os Sapatinhos mais elegantes, vendem-se na sapataria **O Modelo de Paris**

TELEF. C. N.º 2282

Virgilio Prieto Limit.ª

f. do orêto n.º 10—Chiado

OFICINAS DA ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

Executa-se trabalhos tipograficos desde o mais simples ao mais luxuoso

Ateliers de gravura executando fotografura, zincografura, bicromia, tricromia, etc.

Fazem-se desenhos

RUA DO SEculo, 49
LISBOA

M. ME VIRGINIA CARTOMANTE-VIDENTE



Tudo esclarece no passado e presente e prediz o futuro.

Garantia a todos os meus clientes: completa veracidade na consulta ou reembolso do dinheiro.

Consultas todos os dias uteis das 12 ás 2 horas e por correspondencia. Enviar 10 cent. para resposta. **Calçada da Patriarcal,** n.º 2, 1.º, Esq. (Cimo da rua da Alegria, pedreoesquina).

Vêr, quarta-feira, o

Suplemento de MODAS & BORDADOS DO «SEculo»

PREÇO, 20 CENTAVOS



Distracção Portuguesa

CRONICA

II SERIE
N.º 861

Lisboa, 19 de Agosto
de 1922



Ao celebrar, solenemente, o primeiro centenário da sua independência política, o Brazil honrou Portugal com a mais penhorante manifestação de amizade e de apreço que lhe podia ter proporcionado: o convite oficial que dirigiu ao sr. Presidente da Republica para assistir ás festas comemorativas. Todos os paizes da America, todos, ou quasi todos, os da Europa enviam ao Rio de Janeiro embaixadas extraordinarias. O proprio Papa nomeou uma delegação especial para o representar. A presença do chefe da nação portugueza nas solenidades do centenário reveste, porém, um significado particularissimo. A gloria fulgente do Brazil é, de algum modo, a imarcessivel gloria de Portugal. O facto da independência, quer dizer da emancipação ou da maioridade, da grande patria sul-americana constitue hoje para nós um dos maiores titulos de orgulho como povo colonizador e esse monumento que é a «Historia da colonisação portugueza», que está vindo a lume, o atesta, em paginas admiraveis pelo saber e pelo estilo. Carlos Malheiro Dias, o insigne academico a quem foi cometida a direcção da obra, traçando-lhe o prefacio, que é um prodigio de erudição e de linguagem, recorda como um pequeno povo quiz e pôde «devassar, dominar, povoar, colonisar um territorio semi-virgem, palmilhado por tribus rarefeitas e erraticas, com uma area que actualmente excede oito milhões e quinhentos mil quilometros quadrados, criando no espaço de tres seculos um dos maiores imperios da terra... transfundindo-lhe a lingua, a religião e as instituições juridicas, insuflando-lhe uma consciencia de nacionalidade, construindo, finalmente, desde os alicerces etnograficos até á cumiada espirital, uma nação, em um quinto do tempo que fôra preciso para organizar, com a fusão dos elementos peninsulares e as civilisações fenicia, romana e arabe medieval, a minuscula nação *mater*, a «... pequena casa luzitana» que só no seculo XIII terminára com a conquista do Algarve a construcção do *habitat* europeu.» E, se um portuguez eminentemente considerado hoje entre os mestres da nossa literatura contemporanea, assim se exprime, com não menor eloquencia se exprimiu um brasileiro illustre, Afranio Peixoto, literato e pedagogico, ao proferir estas palavras: «A maior surpresa de

quem estuda a historia do Brasil deve ser como o pequeno povo portuguez, distraído, aliás, por interesses maiores nas Indias, conseguiu contra francêses, flamengos, inglêses e hespanhoes, manter por três seculos a continuidade da posse e a unidade territorial de um dominio estendido por 39 graus de latitude e outros tantos de longitude, grande de oito milhões de quilometros quadrados e exposto em oito mil quilometros de costas ás invasões maritimas! A Hespanha não o soube e não o pôde, com o seu imperio colonial, quebrado e repartido na duzia e meia de nações que d'ele resultaram. Nem o caso dos Estados Unidos, hoje tão extensos como nós, é ao nosso comparavel: cresceram por justaposição de compra e de conquista. As treze colonias inglezas da independência somavam menos de um terço de todo o territorio actual. A Luiziania, a California, o Oregón, a Alaska, o Novo Mexico, o Texas vieram depois. Nós fomos assim, desde 1500, achados, possuidos, principalmente conservados, como somos, pelos portuguezes.» Afranio Peixoto, brasileiro, e Carlos Malheiro Dias, portuguez, comungam nos mesmos juizos, que são os da Historia. As duas transcrições que aqui ficam valem por tudo quanto se pudesse escrever sobre os motivos que imprimem um relevo singular á participação que nas festas do centenário é dada a Portugal representado pelo seu primeiro cidadão. O sr. dr. Antonio José de Almeida, quer como a mais alta figura da Republica, quer pelas suas excelsas virtudes pessoaes, terá a acolhel-o no Brazil a unanimidade das simpatias e dos respeitoes de brasileiros e portuguezes. Os frutos da sua visita ao novo mundo hão de ser copiosos e salutarees. A confraternisação dos dois povos, cujos laços de affecto os acontecimentos nunca, no decurso dos tempos, fizeram mais do que apertar, afirmar-se-ha em toda a sua profunda e indestrutivel beleza e a lingua de Camões, que no verbo incomparavel de Antonio Vieira reboou pelo sertão, convertendo-o a Deus e a Portugal, traduzirá mais uma vez a sinceridade d'esse affecto mutuo, que o sentimento e a razão, plena e absolutamente justificam e consagram...

AVELINO DE ALMEIDA.

PORTUGAL PITORESCO



Horas mortas—(1) Afite
—(Viana do
Castelo)



(2) O regresso da pesca.—
(Viana do
Castelo)



(3) Efeitos do luar na praia de Afite.—(4) Ao pôr do sol em Viana do Castelo.—
(5) Ao lusco-fusco (Porto)

Viana do Castelo é das mais lindas, das mais pitorescas terras do norte do paiz. Nunca a agua conjugou tão suave e harmoniosamente os seus encantos com os da terra. O Lima, que imprime tantos encantos a toda a região que refresca com as suas aguas e fecunda com os seus nateiros, atinge em Viana do Castelo o auge de todas as suas belezas, que seduzem profundamente todos os que a admiram e proporcionam assuntos inegalaveis a pintores e a fotografos.

(Clichés do distinto amator sr. Antonio Teixeira (Lisboa).

O REGRESSO DOS PEREGRINOS

Os peregrinos regressaram de Lourdes a Lisboa sem incidente. Na estação do Rocio eram aguardados pelos representantes do alto clero, varios sacerdotes, individuos alidades conhecidas no meio catolico e muitas pessoas devotas. Os peregrinos mostravam-se profundamente satisfeitos com a viagem e a estada na famosa cidade dos milagres, onde tiveram como dedicados cicerones dois eclesiasticos portugueses que ha anos residem no estrangeiro: monsenhores Carlos Francisco da Costa e Santos Coelho. Os dias decorridos em Lourdes



foram consagrados a permanentes manifestações de piedade, quer na basilica, quer na gruta, quer nas procissões de rara imponencia.

Presidiu a todos os atos solenes o sr. bispo do Algarve, D. Marcelino Franco, que foi alvo, por parte dos seus collegas no episcopado francez, de vivos testemunhos de fraternal estima. Parece que os peregrinos portuguezes eram em numero de seiscentos, tendo-se-lhes juntado muitos compatriotas que residem, permanente ou temporariamente, lá fóra.

grinos portuguezes eram em numero de seiscentos, tendo-se-lhes juntado muitos compatriotas que residem, permanente ou temporariamente, lá fóra.



Diversos aspectos da chegada dos peregrinos à estação do Rocio

(Clichés Salgado)

DR. CELESTINO DE ALMEIDA



Dr. Celestino de Almeida

O dr. Celestino de Almeida, velho republicano, do tempo da propaganda, antigo medico em Alcochete, onde o estimavam pela sua competencia profissional e pela bondade do seu caracter, morreu cercado de simpatias e do respeito de todos os que alguma vez trataram com ele. A implantação da Republica trouxe-o para a evidencia da vida politica e administrativa, nos primeiros postos. Quando o partido republicano se desdobrou em tres grandes agrupamentos, o dr. Celestino de Almeida preferiu aquele que teve como «leader» o eminente cidadão que é hoje o chefe do Estado. Os evolucionistas e os unionistas fundiram-se, dando origem ao partido liberal, e no directorio da nova agremiação foi reservado ao illustre republicano o logar que lhe competia e que exerceu sempre dedicada e nobremente. Deputado, senador, ministro em mais de um gabinete, a sua honradez, o seu bom senso e a sua educação impunham-se como o seu patriotismo, a sua fé republicana e o seu interesse pelos cargos em que o investiram. O dr. Celestino de Almeida deixa de si boa e saudosa memoria e o austero exemplo da sua existencia é para meditar e seguir.

Quem lhe presta esta homenagem teve-o em tempo por colega no conselho superior de instrucção publica e teve então ensejo de apreciar de perto as suas qualidades de espirito e de caracter. Estudando

o dr. Celestino de Almeida, velho republicano, do tempo da propaganda, antigo medico em Alcochete, onde o estimavam pela sua competencia profissional e pela bondade do seu caracter, morreu cercado de simpatias e do respeito de todos os que alguma vez trataram com ele. A implantação da Republica trouxe-o para a evidencia da vida politica e administrativa, nos primeiros postos. Quando o partido republicano se desdobrou em tres grandes agrupamentos, o dr. Celestino de Almeida preferiu aquele que teve como «leader» o eminente



O commandante Jalme Atlas, secretario geral da presidencia da Republica, que em seu nome e no do sr. dr. Antonio José de Almeida se incorporou no funeral do dr. Celestino de Almeida, falando com o dr. Custodio José Vieira e o ajudante do sr. ministro da marinha.



Um aspecto da assistencia

do sempre as questões com raro escrupulo, inteligencia e serenidade, nunca deu um só parecer que não tivesse aprovação unanime e fosse elaborado de estreita harmonia com a justiça.



A colocação do calção no carro funebre

Uma documentação interessante

lhe o fogo lambido vorazmente o seu lar. Este já estará a estas horas a reerguer-se e talvez fique mais confortavel do que era d'antes. A tristeza, o desconsolo com que o vemos sentado no tronco da arvore derrubada ao pé das ruínas da sua casinha e no topo da escada tosca que lhe dava acesso, já se dissiparam como um negrume que lhe oprimia a alma.

De certo que ele remoeu para o trabalho da reconstrução, desenvolvendo uma actividade, cheia de entusiasmo e de fé, como se começasse agora a sua vida e não tivesse de a recommençar, depois de se sentir aniquilado pela desgraça.

No meio da sua faina assaltam-no de vez em quando as recordações lancinantes da sua saudosa casa a arder; mas depressa recobra a coragem, abençoando, com os olhos marejados de lagrimas, a generosa obra dos seus patricios.



De certo que os leitores não esqueceram a referencia que fizemos na nossa cronica do ultimo numero ao caso impressionante de uns excelentes rapazes, que angariam donativos suficientes para reconstruirem a casa de um modesto lavrador, o sr. Joaquim Figueiredo Papuços, devorada pelas chamas.

Registamos esse caso, como altamente digno de louvor, n'esta epoca de indiferença pelos males alheios. E, de facto, esse grupo de bons moços que, em vez de se entregar a folguedos e a dissipações, enfileira na cruzada do bem, tem merecido louvores de quantos se comoveram com o seu nobre exemplo.

Contámos a historia a semana passada; hoje ilustramol-a com uma documentação fotografica de todo o ponto curiosa. Aqui está a casa do sr. Papuços. Iamos a dizer do pobre Papuços, mas por pouco tempo ele foi pobre por ter-



(1) O proprietario da casa incendiada sentado desalentadamente no topo da escada.—(2) Os brlosos rapazes que lhe conseguiram dinheiro para a reconstruir. Da direita para a esquerda, sentados: Carlos de Oliveira e Henrique Ferreira; em pé: Teobaldo de Figueiredo, Fortunato de Figueiredo, Joaquim de Oliveira e José Coelho.—(3) As ruínas da casa, vistas do poente, estando o proprietario sentado n'um toro da arvore.

PARA ALÉM DO AVE



A Torre Eiffel, construída de propósito para as festas, estando iluminada nas duas primeiras noites

A vila formosa do «Ave» celebrou, nos dias 15, 16 e 17 de julho, as suas festas de S. Bento. Santo Tirso, durante aqueles três dias, reviveu dentro da sua frescura e da sua beleza natural, como se fosse uma vila das mais modernas. Parecia que ela queria dar um exemplo de progresso, de hospitalidade e de bom gosto, revelando também o patriotismo de um povo unido, embora pequeno, denotando o seu carácter trabalhador e engenho artístico, organizando iluminações como as mais belas que temos visto no Minho. Aquela gente trabalhou quasi um mês, deixando as suas ocupações, para preparar modelos, que, pela sua variedade e originalidade, causaram a admiração de todos que ali foram. As iluminações em Santo Tirso são o orgulho daquela gente e não se pode negar o seu gosto artístico e inconfundível. Flutuavam bandeiras pelas ruas, estoiravam os morteiros, logo de manhã cedo, repercutiram musicas por toda a parte. As janelas estavam apinhadas de cabeças; o povo enchia as ruas e as praças.

No domingo houve iluminações desde o Ave até ao extremo da vila. O Parque, que é o passeio predilecto dos tirsenses, esteve em festa. A assistencia comprimia-se, notando-se entre ela um sem numero de mulheres lindas, de todas aquelas redondezas e do Porto, que alegravam com as suas «toilettes» finissimas aquela grande massa humana, irisada das mais vistosas côres. Era para

ali que a multidão convergia, apinhando-se em volta do corêto. De vez em quando, o fogo do ar ardia, esfuante de côres lindissimas, produzindo efeitos de luz que se não podem descrever. Lá em baixo, o rio, dormia silenciosamente. . .

Na 2.^a feira, a procissão atravessou a vila toda. Os anjinhos, vestidos de branco, caminhavam ao lado de seus paes, sem olhar para ninguem, como que absortos na crença religiosa que lhes haviam insuflado. A' frente, as cruces hasteadas pelas irmandades e confrarias. Seguíam-se os andores e depois o palio. Chegara o momento supremo do acto religioso. Todos se puzeram de joelhos á sua passagem respeitosamente num silencio absoluto como que convertidos em estatuas, só se ouvindo a musica que desferia os seus sons dolentes. Atraz dela seguia o povo até á igreja onde, finalmente, se recolheu.

As festas de S. Bento merecem ser vistas, pela sua imponencia e encanto. Devido á amabilidade

do distincto fotografo amator, sr. Antonio Alves Mendes Magalhães, um moço cheio de talento e ainda mais pela gentileza da «Illustração Portuguesa», podemos dar hoje, despretenhosamente, estas



S. Bento no andor



Outro andor na procissão



A procissão saíndo da egréja

ligeiras impressões das festas, brilhantes e originalissimas a que assistimos.

Entre Lisboa, Açores e Madeira

As nossas duas ilhas de oeste, Flôres e Corvo, que durante os ruinosos e pessimos serviços dos Transportes Marítimos estavam mezes e mezes sem comunicação com as outras ilhas e a metropole resultando-lhes disso transtornos e prejuizos incalculaveis, estão servidas, ha poucos mezes ainda, por uma carreira mensal regular. Não é muito, mas é já

uma apreciavel vantagem, tanto mais que o «San Miguel», que faz essa carreira, é um belo barco, com uma tripulação e um comando, que fazem honra á nossa marinha mercante.

E' inegavel que a Empreza Insulana de Navegação tem o seu nome ligado á vida, ao movimento e aos progressos dos Açores, e tambem da Madeira, por varios titulos que a tornam simpatica e crédora de consideração. Todo o seu pes-



O sr. F. Brito do Rio, comandante chefe da Empreza Insulana de Navegação

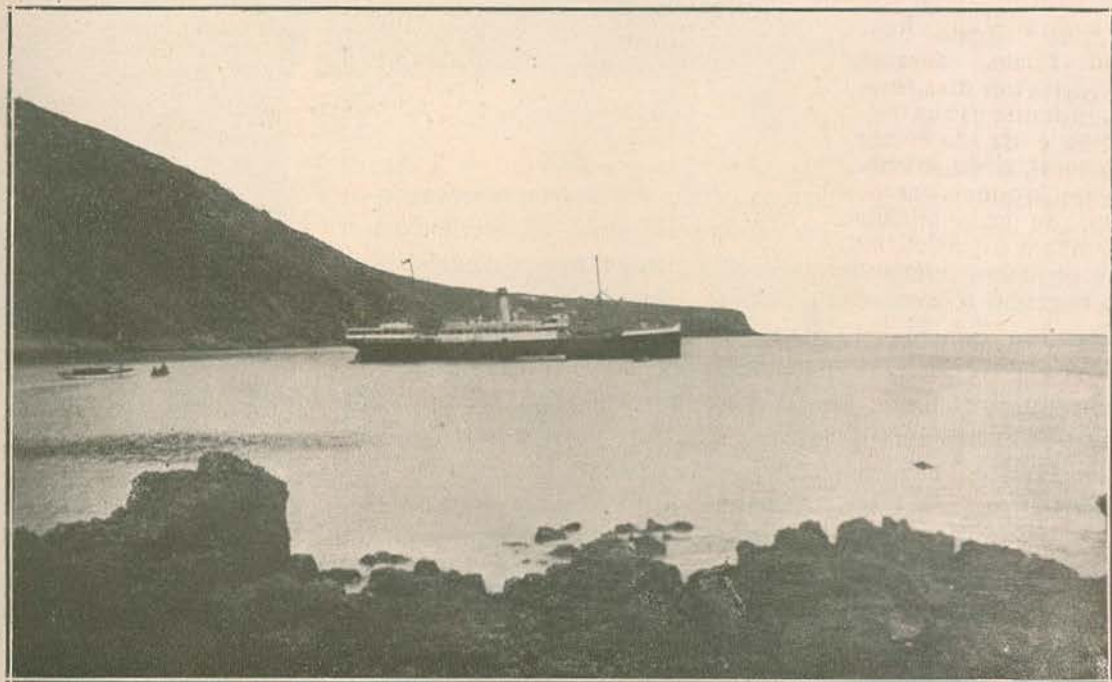


O sr. Caetano Moniz de Vasconcelos, capitão do vapor «San Miguel»

soal tem sincera dedicação pelas nossas ilhas. Uma boa parte dêle é açoreano ou está ligado aos açoreanos pelo parentesco e pela amizade.

A começar pelo comandante - chefe da Empreza, sr. Brito do Rio, um dos mais illustros e prestantes officiaes da nossa marinha mercante, com uma brilhantissima folha de serviços, a acabar no mais modesto

creado de bordo, todos timbram em se mostrar amigos dos dois arquipelagos. Então, o comandante do «San Miguel», sr. Caetano Moniz de Vasconcelos, açoreano do mais illustre sangue, official experimentado e disciplinador, é o idolo da adoração dos seus patricios, repartindo o seu amor por eles e pelo seu navio, que é um modelo de todas as condições que é possivel exigir em navios portugueses de pequeno curso.

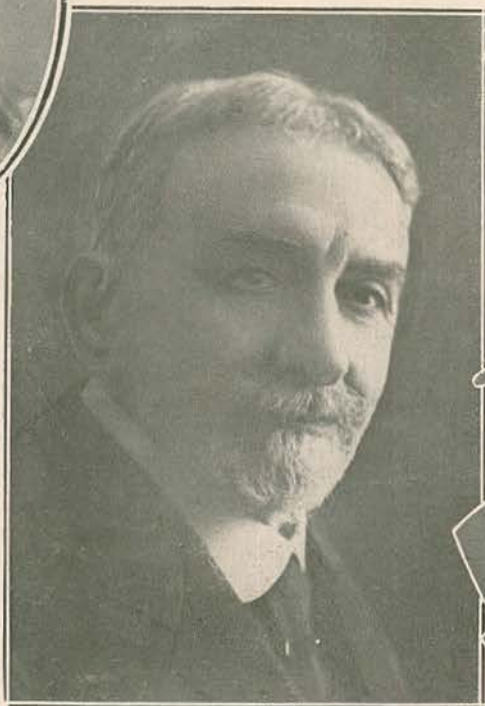


O vapor «San Miguel», fundeado na-bahia das Velas (Ilha de S. Jorge)

CRONICA TEATRAL



Arlette Soares



Eduardo Schwalback

DO romance cinematografico intitulado «As duas garotas de Paris» extraíu Eduardo Schwalback uma peça de teatro. O publico adora as aventuras folhetinescas lidas no roda-pé dos jornais e contempladas, simultaneamente, na muda movimentação do «écran». Para que do romance e do cinema

se transplante, e faça erguer no palco, um drama, reservando-se-lhe o mesmo exito, é preciso, pois, ser-se um escritor teatral dotado do formosissimo talento e da solida experiencia que distinguem o mestre do «Intimo», do «Poema de amor», da «Cruz da esmola», do «Dia de Juizo», da «Bisbilhoteira», do «Chico das pégas» e de tantas outras obras-primas. Eduardo Schwalback conhece, á maravilha, a alma das platéas; sabe, como poucos, faze-la vibrar. «As duas garotas de Paris», se triunfaram á luz da ribalta depois de haverem triunfado em letra redonda e em «film», devem-no ao habilissimo dramaturgo que, com o seu poder de sintese, a arte da sua carpintaria, o seu estilo perfeitamente adequado ás personagens e ás situações, a sua pericia no aproveitar os lances, soube prender a atenção dos espectadores, empolga-la e comove-la das primeiras ás ultimas scenas. No Eden, onde a peça de Eduardo Schwalback se exhibe, ressuscitaram-se aquelas manifestações populares que imprimiam uma curiosa feição á platéa do antigo Prin-

cipe Real. O publico indigna-se contra os que incarnam o cinismo, a dureza do coração e a tirania; ovaciona os que praticam o bem; enternece-se perante as desditas dos que, pela innocencia e pela juventude, deviam estar ao abrigo da maldade torva e sistematica. A força emotiva que Eduardo Schwalback soube concentrar no drama, o realce dado a cada uma das principais peripecias, o perfeito concatenamento de todas elas, eis o segredo de mais esta sua grande victoria scenica. Irene Grave, actriz de brilhante futuro, e Arlette Soares, uma risonha esperança, nas duas garotas estiveram á altura da peça, que toda Lisboa tem corrido a ver e a aplaudir...



Irene Grave

PAGINA INFANTIL

UMA CAÇADA REAL



O Leão escreve à Vaca, à Cabra e à Ovelha convidando-as para uma partida de caça no dia seguinte.

Todas ficam espantadíssimas, mas ao mesmo tempo muito contentes por irem fazer Com o seu rei...

E no dia marcado e hora combinada foram encontrar-se com o leão.

Lá partiram todos a travess do bosque à procura de caça.



A Cabra que vai à frente descobre muito ao longe, no alto d'uma pedra um grande e velho veado.



Enebrindo-se com os arbustos todos correram a rodear a presa.



Saltaram-lhe em cima e n'um instante era uma vez um veado.



Mas o Rei dos Animais e que o abre de alto a baixo, o di. vide em 4 partes equaes e dix para as companheiras.

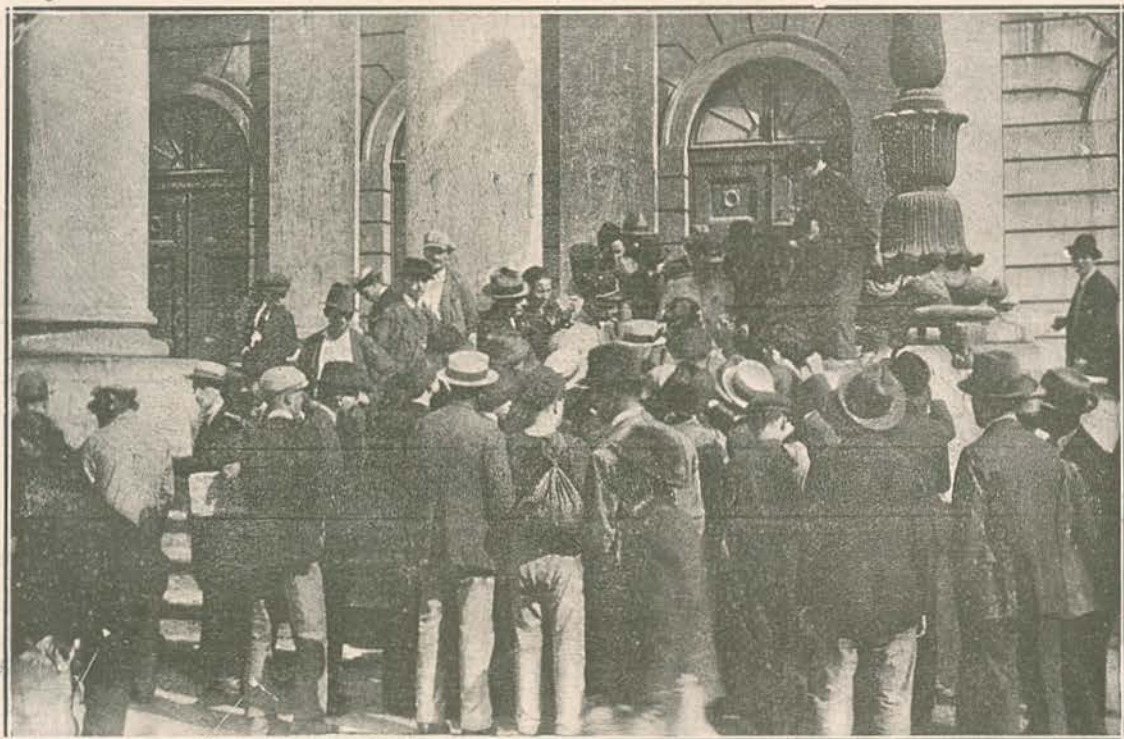


O 1º boeado é para mim que sou o vosso Rei, o 2º para mim que sou o mais forte, o 3º para mim que sou o mais corajoso e se alguma de vocês se atrever a tocar no 4º, ferro-lhe o dente.

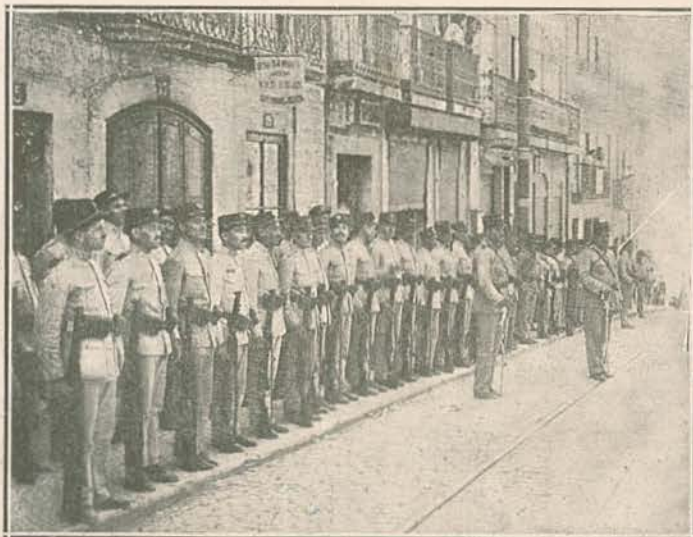


E dizendo isto, arreganhou de tal forma a dentuza, que todas abalaram dizendo umas às outras que quando os fracos se associam com os fortes ficam sempre mal.

A QUESTÃO DO PÃO



A chegada ao Roclo do primeiro vendedor do *Seculo* no dia 8, vendo-se ele tão apouquetado pelo povo avido de noticias, que desatou a chorar de desespero por não poder servir a todos ao mesmo tempo.



1. A guarda republicana formada defronte do edificio, ao Calhariz, da Confederação Geral do Trabalho.—2. O edificio depois de tomado pela policia e pela guarda republicana.—(Cuchês Salgado).

novo regimen, acabou o chamado sistema do pão politico, quer dizer o sacrificio de muitos milhares de contos feito pelo Tesouro e que permitia ao consumidor adquirir o pão mais barato, por uma tabela impossivel de manter sem o auxilio do Estado, desde que o fabrico fosse em condições aceitaveis, pelo que respeita ao valor nutritivo d'esse alimento-base do nosso povo. As classes trabalhadoras protestaram, em grande parte, contra os dois tipos, e reclamaram o regresso a um unico.



○ novo regimen cerealifero, votado pelo Parlamento, restabeleceu duas qualidades de pão, em lugar do tipo unico. O preço foi sensivelmente aumentado, pois que o pão de primeira ficou a doze tostões o quillo e o de segunda a oito, quando o tipo unico se vendia a seis. E' certo que, com o

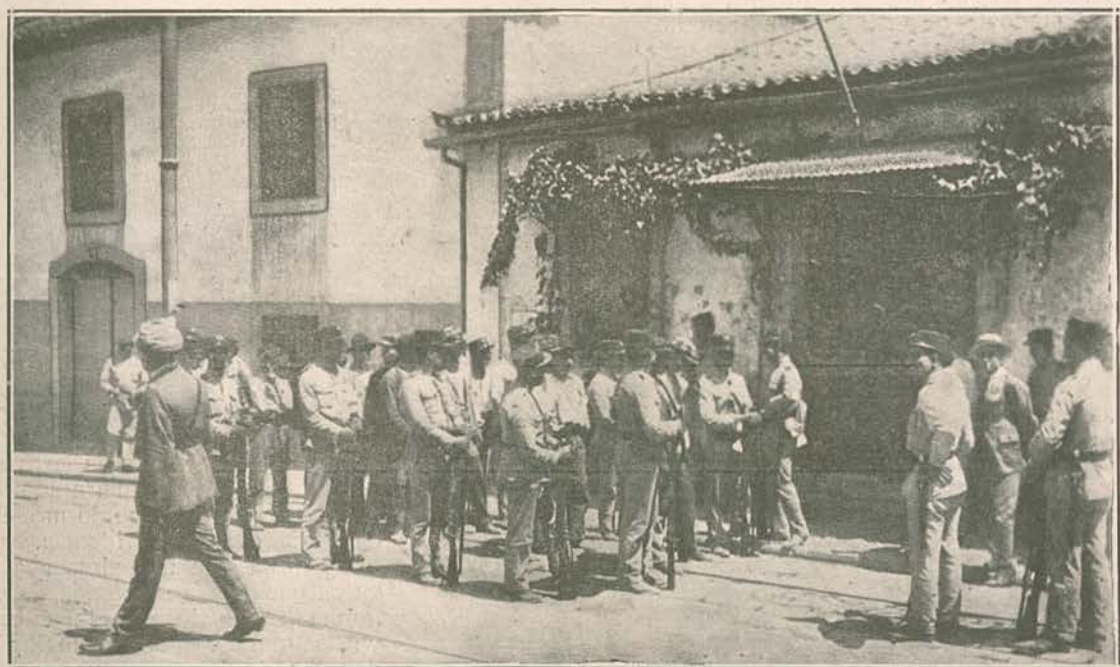


A casa da rua do Assucar, no Poço do Bispo, d'onde se atiraram bombas, tiros e pedradas sobre os electricos e sobre a força publica, que respondeu corajosamente, chegando a invadir a casa e travar luta corpo a corpo

O protesto revestiu o caracter de grève que, todavia, não foi geral, embora, malgrado ela, se empregassem esforços repetidos com o objeto de a ressuscitar e generalisar.

Supondo, erradamente, servir os interesses das

classes, houve quem usasse do condenavel e criminoso processo terrorista da bomba. Não faltaram as pobres victimas, por via de regra sem sombra de culpa, tendo as autoridades recorrido a energicas providencias para impedir mais atentados.



Defronte da esquadra de policia—A força publica conduzindo presos os que tentaram alterar a ordem

(Clichés Salgado.)

EM VINHAIS

mas abandonados e inculcos na sua maior extensão, podendo produzir muitos moios de cereal. E cada ano, infelizmente, em vez de alargar, a área de cultura diminui.

São complexas as causas, por que cerca de dois terços do país estão por cultivar. Muito se tem dito e escrito sobre elas e não poucas medidas se têm decretado para reduzi-las em favor da economia nacional, mas não se consegue vencer esta medonha apatia que nos avassala, nem intimidar os que, teimosamente se

ma, pondo o regador ou a quarta á boca e bebendo de um trago a agua, ou antes o vinho que contém.

Não ha tarefa mais violenta. O braço do homem substituindo os pés do gado que, á força de girar na eira sobre as paveias do trigo espalhado, vai desfazendo as espigas e separando o grão, ou substituindo a maquina que numa hora debulha e limpa muitos sacos, enfiando ao mesmo tempo a palha, é realmente um trabalho extenuante. Faz-se, porém, com entusiasmo, a



Meda antes da malha

O titulo de «Nas eiras» era mais apropriado a este artigo; mas preferimos conservar-lhe o nome da formosa e laborissima vila, como homenagem a uma terra que serve de exemplo a muitas outras, porque tira da terra pão para o consumo proprio e ainda para vender aos que recorrem á sua abundancia.

Este ano a cultura de cereais apresentou-se linda e na maior parte do país conservou-se sempre assim até que as espigas alouradas vergavam ao peso do grão e acabaram por cair sob a foice do ceifeiro. Se a área cultivada fosse o triplo, pelo menos, e podia ser, se o desanimo não se apoderasse de uns, a ambição de outros e a negligencia de muitos mais, o celeiro de Portugal já pesaria este ano consideravelmente na sua vida economica, tendo nós o nosso pão mais seguro e evitando uma boa parte da drenagem do nosso ouro.

É realmente doloroso, quando atravez do país viajamos em comboio ou au-



Quatro aspectos da malha

negam a valorisar até o que lhes pertence.

Por isso temos por Vinhais e por outros muitos povos, que aproveitam o menor cantinho da terra que os cerca, uma verdadeira admiração e apontamo-los como modelos de trabalho e de previdencia.

Vejam a lide nas eiras e a riqueza que nelas se amontoa, desentranhada do solo. O calor é terrivel, os que trabalham na malha ou debulha destilam em suor, escorrendo-lhes as grossas bagas pela testa e colando-lhes a roupa ao corpo. Mas ninguém afrouxa de actividade, ninguém suspende a faina senão para matar a sede que os requi-



vorado grandes medas de trigo que já estavam nas eiras.

Este ano contam-se talvez mais desastres neste genero do que nos anos anteriores. Raro é o dia em que os jornais não dão noticia de um incendio em eiras e ás vezes de mais no mesmo dia, causando prejuizos enormes. Já era insufficientissimo o trigo que produziamos e, para cumulo, o fogo ainda nos consome uma grande parte dêlo.

Sêco como está tudo com estes calores, uma faulha saída da chaminé de uma locomotiva, uma ponta de cigarro, que por descuido cai ainda acesa, um mórroão ou um fosforo lançados propositadamente, por mãos criminosas, ateiam em poucos minutos uma chama devoradora.

Calcule-se a angustia, o desespero do pobre lavrador, depois de tanto trabalho, tantas inquietações, tantas despesas, ao vêr reduzir-se a um mon-



Matando a sede ardente

tomovel, vemos os terrenos que marginam as estradas, estendendo-se muitas vezes a perder de vista, em parte cobertos de lindas searas,

testa e colando-lhes a roupa ao corpo. Mas ninguém afrouxa de actividade, ninguém suspende a faina senão para matar a sede que os requi-

rir e a cantar, porque já fadiga de hoje ha-de succeder o bem-estar de amanhã; todo o esforço é bem empregado desde que ele garanta o pão para o ano inteiro, o que é actualmente a maior preocupação de todos nós e a causa da perigosa agitação em que vivemos nos ultimos dias.

Ha muitas localidades que tem trigo para o seu consumo; mas ha muito maior numero dêlas que o não tem, e outras ha tambem que, apesar de haverem lavrado e semeado, não lograram obter o suficiente para sua alimentação, porque para algumas regiões o tempo não correu favoravel e os fogos tem de-



Preparando a eira



Limpendo o grão á pá. (Clichés do distinto amado sr. Anselmo Dias, de Vinhais)

ção de cinzas, os unicos recursos, com que êle contava para sustentar a sua casa durante o ano!

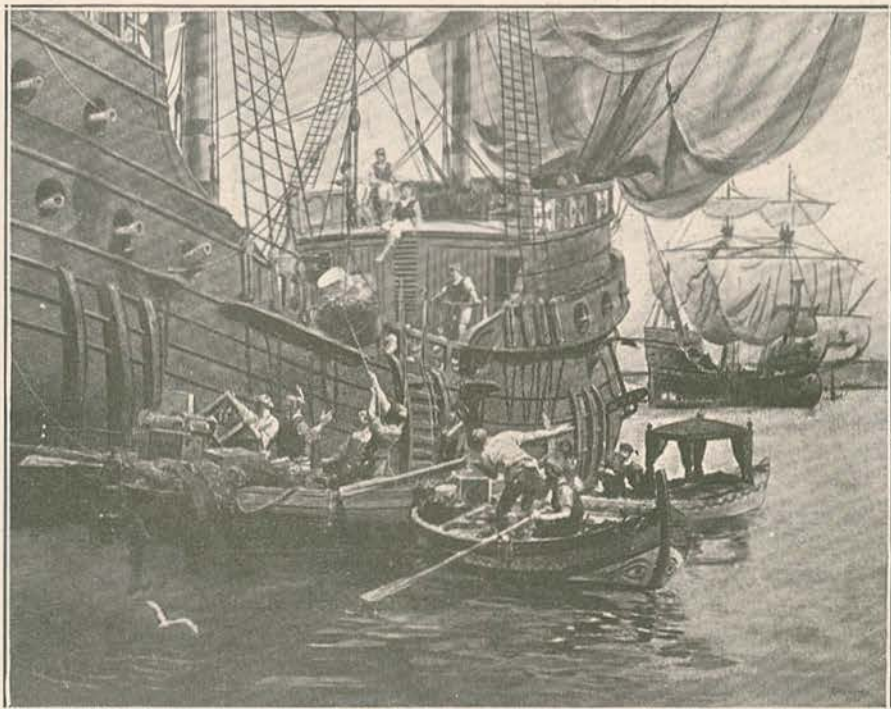
O QUE OS NOSSOS ARTISTAS MANDAM AO RIO

Das aguarelas ineditas do eminente pintor Roque Gameiro

A *Ilustração Portuguesa* oferece hoje aos seus leitores dois espécimens de aguarelas do pintor exímio, e a todos os títulos uma lida glória dos portugueses que é o artista Roque Gameiro.

Ilustrador admirável das *Pupilas do Sr. Reitor*, bastaria essa obra monumental para consagrar-o no coração de todos os portugueses que amam e sentem a sua terra. Director artistico dessa maravilhosa obra que é a *Historia da Colonização Portuguesa no Brasil*, que o grande escritor Malheiro Dias está organizando, bastaria tambem esse facto para collocar-o á altura do nosso comovido preito pelas suas raras faculdades de incansavel trabalhador.

Esse artista que o Brasil recebeu com extremos de carinho, prodigalizando-lhe as melhores consagrações quiz honrar novamente o mesmo Brasil estudando, propositadamente, para o grande certamen internacional do Rio, algumas magistraes scenas da vida da nossa epopela maritima.



Uma das scenas da nossa epopela maritima



Outra das maravilhosas evocações que o pñcel magistral de Roque Gameiro soube erguer para o certamen do Rio de Janeiro.

As duas notabilissimas aguarelas que este magazine se orgulha de, em primeira mão, oferecer ao publico, são dois documentos de inestimavel valor, revelando mais uma vez a plena e exuberante posse das excepçoes faculdades de Gameiro. O largo estilo da composição, a grandeza nobre dos enquadramentos, a movimentação geral das scenas, o poder extraordinario de evocação, a vibração das tonalidades, conseguida com aquela poderosa transparencia em que ninguem o eguala fazem com estes cartazes sejam na Exposição do Rio uma nota do poderoso realce que nos desvanece como compatriotas de tão extraordinario artista.





ARRABESCO

AUG. MACHADO

Allegretto J. 116.

Musical score for piano, consisting of ten systems of staves. The score includes various musical notations such as notes, rests, and dynamic markings. The key signature is one flat (B-flat major or D minor) and the time signature is 3/4. The piece begins with a piano (*p*) dynamic and includes markings for *Allegretto*, *Meno*, *Tempo*, *Vivo*, and *stent.* (stentato). The score concludes with a *m. s.* (mezzo sostenuto) marking.

Com a devida autorização da Casa Editora, SASSETTI & C^a, 56 R. do Carmo, Lisboa.



Ao lerem os relatos das revistas es'rängeiras que nos trazem écos tentadores da caprichosa moda, quantas senhoras pensarão que a ciencia do vestuário se simplifica sensivelmente! E todavia, a despeito das imposições de simplicidade e despretenção em que a moda vigente faz repousar os seus caprichos e as suas criações, nunca como hoje, essa ciencias exigiu um estudo tão profundo do conjunto, um conhecimento tão completo das regras da estetica applicadas á *silhouette* por meio das quaes se procura instantaneamente harmonisar os tipos da beleza com as côres e com as fórmãs que caracterisam a elegancia moderna.

De resto, em todos os tempos, o segredo de vestir foi apanagio privativo de raras mulheres que a esse excepcional conhecimento deveram a distincção de passar á posteridade envoltas n'um prestígio perturbador.

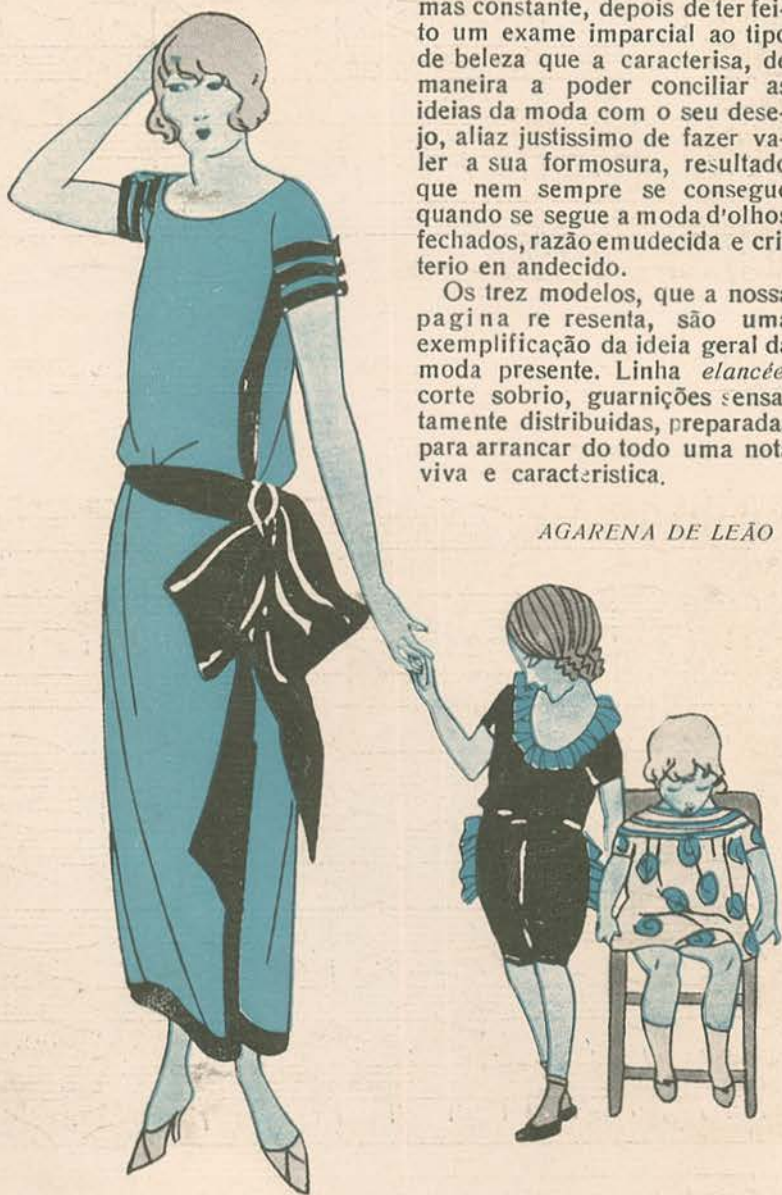
Hoje, como então, como sempre, afinal, a arte do vestuário exige da mulher extremada atencção, e mal irá a quem a descurar...

É um facto comprovado que a simplicidade é, por assim dizer, a base real da moda dos nossos dias. O córte é d'uma singeleza impressionante; o armado, inteiramente desprovido de complicações; e as guarnições, regidas por uma inteligente sobriedade, destacam pelo apropriado da disposicção e da combinaçáo. Mas para se conseguir resultados aparentemente tão singelos, é preciso, em primeiro lugar,

que a mulher estude conscienciosamente a tecnologia da moda, que profunde ou, pelo menos, apreenda a ideia inicial das suas criações e que siga com interesse a sua evoluçáo, lenta, mas constante, depois de ter feito um exame imparcial ao tipo de beleza que a caracteriza, de maneira a poder conciliar as ideias da moda com o seu desejo, aliaz justissimo de fazer valer a sua formosura, resultado que nem sempre se consegue quando se segue a moda d'olhos fechados, razáo emudecida e critério em andecido.

Os trez modelos, que a nossa pagina re resenta, são uma exemplificacáo da ideia geral da moda presente. Linha *elancée*, corte sobrio, guarnições sensatamente distribuidas, preparadas para arrancar do todo uma nota viva e caracteristica.

AGARENA DE LEÃO



1. Toilette de organdina azul guarnecida com vizes e cinto «écharpe» de setim «citré» preto.—2. Fatinho de sarja azul escuro com folhos d'organdi azul *nattier*.—3. Vestidinho de organdine azul *nattier* com ornatos.

A TRAVESSIA AEREA DO ATLANTICO



A chegada dos aviadores à Beneficência Portuguesa no Rio de Janeiro

AINDA não arrefeceu o entusiasmo despertado no Brasil pela viagem aerea de Sacadura e Coutinho. Aquele ilustre piloto-aviador foi ao norte realizar conferencias que têm despertado um extraordinario interesse. Sacadura Cabral resolveu destinar o

producto das entradas á continuacão do monumento que deve ser erguido a Santos Dumont, e cuja bela iniciativa pertence ao nosso glorioso compatriota. Atribuiu um jornal a Sacadura a intenção de permanecer no Brasil alguns anos. Evidentemente, deve



Os aviadores são condecorados com a Cruz Humanitaria da Beneficência Portuguesa : Gago Coutinho 1) pela embaixatriz de Portugal, e Sacadura Cabral 2) por «madame» Silva Carloca. Vê-se ao centro o embaixador de Portugal, sr. dr. Duarte Leite



No Palacio Ingá em Viceroy. — O presidente do Estado tendo á sua direita Gago Coutinho e á esquerda Sacadura Cabral

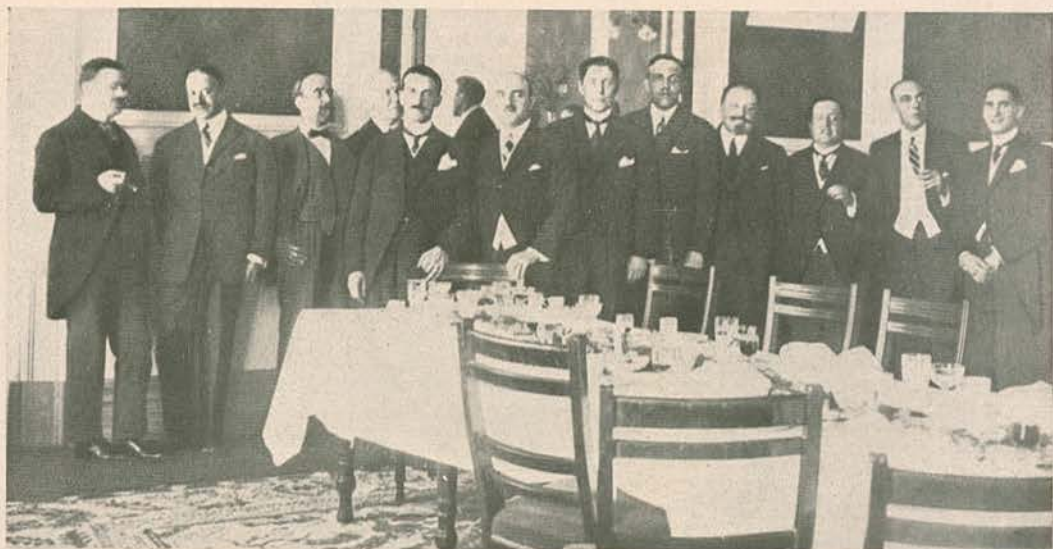
tratar-se de um mero desejo de quem comunicou a notícia. O presidente eleito, sr. dr. Artur Bernardes, recebeu o companheiro de Gago Coutinho efusivamente, prodigalizando-lhe as mais comovidas demonstrações de admiração e de afecto e recordando com desvanecimento a sua ascendencia portugueza. O matematico do *raid* — queremos aludir ao almirante — consta que está, por seu turno, preparando os

trabalhos sobre os quais realizará igualmente conferencias, que serão, por certo, publicadas. Ninguém hesitará em crer que as impressões de Gago Coutinho são aguardadas por todo o mundo scientifico com a mais viva curiosidade e que virão completar aquelas de que já deram notas as abundantes e pormenorizadas referencias dos jornais portuguezes e brasileiros.



Viceroy. — Aspecto da Praça Lusitania no momento do lançamento da 1.ª pedra para o monumento comemorativo da travessia

FIGURAS & FACTOS



Assistencia ao almoço que o sr. D. Luis de Miranda, illustre ministro de Cuba, ofereceu ao sr. dr. Barbosa de Magalhães :— Da esquerda para a direita, os srs.: Encarregado de Negocios da Belgica; Urbano Rodrigues; dr. Goncalves Teixeira, M. Herrera Renssig, Encarregado dos Negocios do Uruguay; dr. Barbosa de Magalhães, Ministro dos Estrangeiros; com. te Jaime Athias, Secretario Geral da Presidencia da Republica; com. te Lutz R. Miranda, Ministro de Cuba; Cantillo, Ministro da Argentina; Bonin, Ministro da Franca; Orce, Secretario da Legação de Cuba; Costa Carneiro, Chefe do Protocolo do Ministerio dos Estrangeiros; Mora, Chanceler da Legação de Cuba. (Cliché Salgado)



Curso Juridico de 1911-1912:— Da esquerda para a direita, 1.º plano, sentados, os srs. drs.: Almelda Ribeiro, Teixeira de Azevedo, José Paredes e Macedo dos Santos.—2.º plano, sentados, os srs. drs.: Reblano Correia, Fernando de Oualal, Assis Teixeira (conde de Felgueiras), Costa Barros (Alvelos), Candido Soto Maior e Carlos Goncalves.—3.º plano, de pé, os srs. drs.: Pereira Brandão, Andrade e Silva, Pedro Pita, Carvalho Maia, João Couto, Jaime Sarmiento e José Cardoso.



Aspêto da procissão que ultimamente se realçou em Carrazeda de Anclães, na festa dedicada a Nossa Senhora da Conceição, feita com grande brilho, sendo de notar o profundo respeito religioso que n'esta e n'outras festas do norte o nosso povo continua a manifestar. O andor é em fôrma de avião, dentro do qual a gentil menina Lucilla representa Gago Coutinho e Sacadura Cabral



A prata do Malho, na Foz do Douro, é a preferida pela sociedade elegante do Porto. All se reúne tudo o que ha de mais distinto, incluindo as colônias Inglesa e alemã. Bandos encantadores de crianças enchem o ambiente de alegria. O nosso distinto colaborador sr. André de Moura, a quem devemos também o primeiro clichê d'esta página, não resistiu a fotografar este interessante grupo



(1) Dr. Veiga Simões — Dr. Couceiro da Costa

Movimento diplomatico

FOI transferido para Berlim o nosso ministro em Viena de Austria, sr. dr. Veiga Simões e de Berlim para Viena o sr. dr. Couceiro da Costa, dois diplomatas distintos.

O sr. dr. Veiga Simões, antigo ministro dos estrangeiros, que deu provas da sua grande capacidade organisadora na reforma dos serviços do seu ministerio e as está dando constantemente do seu profundo conhecimento das questões internacionais, estava, pela sua brilhante evidencia, indicado para ir exercer o seu alto cargo na Alemanha para onde convergem, particularmente neste momento grave, todas as preocupações dos aliados.

O sr. dr. Veiga Simões é acompanhado para o seu novo cargo da confiança absoluta de todos os que conhecem as suas altas qualidades. A ninguem com mais elevada competencia e acrisolado patriotismo se podia confiar a defeza dos nossos interesses em Berlim.



Casamento do sr. Arcadio Matos Silva com a sr. D. Maria Xavier de Matos Rito

(Cliché Serra)

No dia 5 do corrente deu-se na Fabrica de Cortumes Rio Leça, a S. Mamede de Infesta, um horroroso desastre; «a caixa de fumo» da caldeira reventou com enorme estampido, levando a tampa na sua frente paredes, maquinismos e operarios. Foi uma tragedia que emocionou profundamente a Cidade Invicta, sendo grande o numero de mortos e feridos.



A sr.ª D. Sofia de Sousa Viterbo, é filha do falecido dr. Sousa Viterbo, que foi uma das figuras mais brilhantes, pela sua erudição, pelo seu talento, pela vernaculidade da língua portuguesa. Dotada também de muito talento e de grande amor pela memória do seu ilustre pai, presenteou com preciosos elementos colhidos nos seus papéis a Sociedade dos Arquitectos para o 7.º volume do seu *Iconário*



O sr. André Pereira de Moura, distinto fotografo portuense e colaborador artistico da *Ilustração Portuguesa*



A sr.ª D. Guilhermina de Araujo, distinctissima cantora de musica e directora de um grupo de senhoras amadoras da mesma arte, promoveu no Porto um espectáculo, do mais requintado cunho artistico em homenagem á gloriosa actriz Virginia, sendo representada a peça *Os medicos*, em 3 actos



Casamento do dr. Antonio Alcada Padesca com a sr.ª D. Tomazia Vidal Abreu, tendo-se realisado o enlace na egreja de S. Sebastião da Pedreira

Estas fotografias foram tiradas na residencia dos pais da noiva na Avenida Casal Ribeiro

O FUNERAL DO MAJOR CARRÃO D'OLIVEIRA



A caminho do cemitério

O major Carrão de Oliveira, comissário geral da policia de Lisboa, official distincto, que esteve na guerra, faleceu victimado por um desastre que pode classificar-se entre os accidentes de trabalho: quando acabava de se vestir, apóz breves momentos de repouso, numa destas manhãs cheias de sobresaltos e apreensões que caracterizaram os dias da greve, caiu-lhe no chão a pistola que, disparando-se, o feriu mortalmente. Disciplinador e energético, chefe de familia exemplar, o major Carrão de Oliveira impunha-se, por essas qualidades, e ainda porque desempenhava

o seu cargo com extrema solicitude, á consideração e tambem ao affecto dos seus camaradas e dos seus subordinados. A principio, bordaram-se fantasias sobre a causa da morte, mas ele proprio, antes de expirar, teve ocasião de referir o sucedido, ao mesmo tempo que pediu que se não esquecessem de sua familia, colocada nas mais tristes contingencias. O major Carrão de Oliveira teve um funeral muito concorrido e muito significativo do apreço que lhe consagravam. O Parlamento votou uma pensão á viuva e ás filhas do desditoso official.



O cortejo tornejando a rua de D. Pedro V

Outro aspecto do cortejo

O DRAMA DAS ESTRELAS

The Times are the masquerade of the Eternities

EMERSON

Lisboa, a «coquette» e garrida cidade de Fernando I que ha muitos anos descla, toda cingida no cinto de castidade que este cioso monarca lhe offerera no dia do seu noivado, a lavar a pontinha do seu pé nas aguas de Alcantara, tem sempre encantos novos de cada vez que a contemplamos. A' semelhança dum caleidoscopio maravilhoso, ella toma novos aspectos, novas belezas, novos atractivos a cada volta que por ella damos. No entanto, eu supunha conhecer esta linda cidade, cujos maiores encantos trago esculpidos profundamente no mais intimo do meu coração de meridional. Afinal, enganava-me. Alguma coisa havia que não me fôra dado saber e que—irrisão do destino!—um estrangeiro me deveria mostrar!

Foi ha dias no escritorio de Mr. X... — um daqueles inglezes cheios de vida, fleugma e perseverança que, ansioso das belezas naturaes, percorrem a esfera de lés a lés—que eu fui encontrar um curioso caderno de impressões sobre Portugal, de que destacarei um dos mais interessantes capitulos sobre a capela de Nossa Senhora do Monte, á Graça. Embora a transcrição perdesse o seu maior encanto com a tradução que lhe dei, não deixa, no entanto, de ser curiosissima, tratando-se, para mais, de notas impressivas traçadas pela mão dum «gentleman», no seu «Note-book», durante as horas vagas.

Nossa Senhora do Monte! Horas de sombra e meditação neste recanto... Lá em baixo, na cidade enorme, a vida diaria vai esmorecendo lentamente, batida pelos ultimos reverberos igneos do pôr-do-sol.

De alma concentrada, tenho a visão dos incendios fabulosos do imperio dos Deuses, crepitando em toda a pujança da Natureza transcendente. Aqui, n'esta doce quietude, unido da brisa perfumada, eu compreendo melhor as biblias do judaismo, cristianismo, budhismo, confueccionismo e brahmanismo que no largo decorrer da historia da especie humana, vão registando o sacrificio divino dos Salvadores da Humanidade que tanto contribuíram para a remodelação e aperfeiçoamento da politica da administração cósmica.

As trevas da noite vão descendo, entretanto, sobre a cidade enorme, que se vai deixando vencer pelo sono, após um dia de labuta. A capela de Nossa Senhora do Monte, cá em cima, branca como uma noiva, candida como a alma dum anjo, parece um traço de união entre Deus e essa Babilonia adormecida.

Contemplemos a cidade. Lisboa, vista assim, é uma miragem esplendorosa que a palavra não pode relatar e que o maior engenho não sabe traduzir com o desejado colorido.

Cidade formosa e atraente, amada de Camões e inspiradora de João de Lemos, sendo, por assim dizer, o coração desta carinhosa terra portugueza, parece encerrar a fosforescência das grandes paixões.



Lisboa — a cidade dormente



A capela de Nossa Senhora do Monte

Ao largo, o jardim de S. Pedro de Alcantara, contrastando com a beleza do conjunto, ergue-se, sombrio como um espectro, a pedir contas ao tempo que passou. Lá mais ao largo ainda, ergue-se o zimbório da Basilica da Estrela erguendo arrogante para o ceu a agulha do seu pára-raios. E ainda mais ao largo, tanto quanto a minha vista pode abarcar, a serra de Monsanto, estirada no melhor do seu sono, lembra uma velha leão esteril pela decrepitude, sem filhos nem covil para os guardar. E aqui ao lado, o castelo de S. Jorge, sombrio como um sepulcro, continúa a levantar para o ceu os braços descarnados das suas ameias ainda tintas no sangue generoso dos portuguezes do seculo XII. Ao fundo, o Tejo, semelhando um grande mar de prata, desliza mansamente entoando aquelas canções dolentes que os trovadores de Alcaacer-Kibir sabiam cantar e que ele aprendeu de cór, aumentando a torrente harmoniosa com as lagrimas dos que ficaram.

Do alto da Senhora do Monte tudo isto se evoca com a alma desvanecida numa consunção de misticismo...

Estou só no adro... Isto é, só não. Acompanham-me o meu velho relógio que colocado sobre o meu coração lhe vai marcando as pulsações, uma a uma e a minha fiel maquina de escrever «Remington Portatil» com a qual vou escrevendo estas linhas e que é uma alma demaquinismo tão perfeita e delicada que quasi a posso tratar por uma individualidade. E' ella a minha secretaria de confiança que sempre me acompanha nestas divagações.

Mais um olhar sobre a cidade enorme. O que não vai ali de alegria e tristeza, de hipocrisia e sofrimento, de prazer e ambição movimentando-se no incerto teatro da Vida! Contrascenando com os divertimentos chics dos «clubs», os gemidos dos enfermos dos hospitaes, o pranto silencioso dos sem-amparo, as gargalhadas dos «clowns» dos circos e as palmas duma platéa aplaudindo uma tragedia dolorosa que, no fim de contas, é a copia fiel da sua propria existencia! A vida intensa da grande cidade repercute-se aqui, neste recanto tranquillo, em todas as suas varias modalidades...

Poucas cidades haverá no mundo que nos ofereçam um ponto de observação como este. Se Lisboa pudesse ter uma arteria pela qual o seu sangue heterogéneo, mixto de barbaro e sentimental, moiro e cristão latejasse em todas as suas desordenadas pulsações, essa arteria teria o seu terminus na capela de Nossa Senhora do Monte, á Graça.

Noite alta. O relógio de S. Vicente bateu as duas da madrugada. Regresso a minha casa, onde vou continuar a escrever na minha «Remington Portatil», até ao raiar de alva, as minhas impressões sobre a beleza e harmonia d'este poetico retiro, consagrado desde ha muito pela piedade dos crentes e beijado agora pela luz immaculada das estrelas...

SERGIO DE MONTEMOR